

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

A Espiritualidade Trinitária

Marcio de Carvalho Leal



EDITORA
FMB

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES





 editora.faculdadefmb.edu.br

Todos os direitos desta edição
reservados para: Editora FMB Ltda.

Sumário

Página 05

1 A Espiritualidade Trinitária

1 A Espiritualidade Trinitária

Para muitos, o termo “espiritualidade” está relacionado apenas ao imaterial ou ao experiencial, num pleno antagonismo ao racionalismo cartesiano. Essa ideia nos apresenta o grande dualismo que envolve o termo.

Entre os católicos, segundo Danilo Mondoni, a palavra “espiritualidade” é descrita como filha da modernidade, por ter sua origem na escola espiritual francesa do século XVII. Segundo Mondoni trata-se da relação pessoal do humano com Deus. [MONDONI, 2002]

No protestantismo, o Conselho Mundial das Igrejas, na década de sessenta a popularizou. Segundo Renders, a palavra ganha destaque entre os protestantes engajados nos movimentos sociais. [RENDERS, 2012]

Do século IX ao século XI, espiritualidade indica realidade e atividade provenientes da graça do Espírito Santo presente no ser humano. É a partir do século XII que seu significado se decompõe, passando a designar aquilo que não é material. [MONDONI, 2002]

Há as mais diversas interpretações sobre espiritualidade, ao sabor dos gostos pessoais. Na verdade, todos pensam poder falar de espiritualidade, mesmo sem competência e consistência em suas falas. Sem dúvida, trata-se de uma palavra de difícil definição por haver diversas perspectivas a partir das quais se pode entendê-la e a realidade a que ela remete.

George Ganss, citando Inácio de Loyola, apresenta a seguinte definição sobre espiritualidade:

Espiritualidade é uma experiência viva, o esforço de aplicar elementos relevantes do depósito da fé cristã para a orientação de homens e mulheres, com vistas ao seu crescimento espiritual, o desenvolvimento progressivo de sua pessoa que floresce em percepção e alegria proporcionalmente maiores. [GANS, 1991]

O dicionário Novo Aurélio Século XXI apresenta, sobre o termo, a seguinte definição: “Qualidade ou caráter de espiritual. Doutrina acerca do progresso metódico na vida espiritual”. Sobre a palavra espiritual o mesmo dicionário afirma tratar-se sobre o que é “relativo ao espírito”. [FERREIRA, 1999] Com base nessas definições podemos inferir que espiritualidade designa uma qualidade imaterial do ser humano. Ou, como entende o teólogo Hermann Brandt, a espiritualidade “é vista em conexão com um programa metódico, visando aperfeiçoar ou alcançar essa qualidade”. [BRANDT, 2006]

O mesmo doutor Hermann Brandt em seu estudo sobre a espiritualidade cristã, observa que “só era possível dedicar-se ao espírito assumindo uma atitude espiritual fora do mundo, fora da realidade nua e crua. E durante séculos isso significava: desistência da propriedade, renúncia ao poder e luta contra a própria sexualidade”. [BRANDT, 2006]

A espiritualidade não é uma invenção ou herança do cristianismo. Tanto a experiência mística como a vida contemplativa são anteriores ao cristianismo. Sabe-se que entre os pitagóricos, seis séculos antes de Cristo, existiam comunidades contemplativas. [BETO; BOFF, 2008]

Não encontramos a palavra “espiritualidade” ou “espiritual” na Bíblia, porém nela estão presentes seus conteúdos, especialmente no apóstolo Paulo. Em um sentido mais existencial, Paulo, em sua síntese em 1 Cor 15, 44-45; 3, 1-2, fornece ao termo “pneumatikós” uma contraposição ao termo “sarkikós” (carnal) e ao termo “psykikós” (psíquico), para indicar o ser humano animado pelo Espírito de Deus. [SECONDIN, 2002]

De acordo com o Novo Testamento o ser humano “espiritual” (pneumatikós) é animado, transformado e potencializado pelo Espírito de Deus através de uma comunicação caritativa e oblativa. Sendo assim, sua espiritualidade trabalha o sentido mais profundo da vida alterando seu paradigma vital. Desse encontro surge uma nova ética concreta que reorienta as práticas pessoais e sociais, a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo. Nas palavras de Catão: “Jesus é o padrão de toda espiritualidade humana”. [CATÃO, 2009] O que nos leva a crer que a espiritualidade cristã é a espiritualidade do amor.

O convite tão insistente de Paulo para que todos vivam como “homens espirituais” (pneumatikói: 1 Cor 2,13; Gl 6,1; Rm 8,9), para que vivam “na santificação até a perfeição: espírito, alma e corpo” (1 Ts 5,23), visa justamente a deixar-se “agir pelo Espírito”, que resgata a pessoa na sua interioridade profunda e radical. Com esta exortação, Paulo quis sintetizar o estilo de vida do cristão: dócil não a uma imposição, conquanto sábia, ou dócil à Palavra meditada, mas dócil ao dinamismo normativo interno, próprio ao Espírito que resgatou radicalmente a vida. [CATÃO, 2009]

A vida, nesta dimensão é dominada pela “lei do Espírito, que dá a vida em Jesus Cristo” (Romanos 8.22). Lembrando o teólogo alemão Jürgen Moltmann, é o Espírito da Vida atuando no ser humano, alterando sua existência como nova criatura, que inclui materialidade e corporeidade na salvação, formando um ser humano integral envolvido numa salvação real.

Portanto, podemos definir a espiritualidade cristã como àquela que se refere à busca por uma experiência cristã autêntica e satisfatória, baseada na fé, nos valores e princípios de vida.

Na definição simples fornecida por Alister E. MacGrath a espiritualidade cristã “significa viver o encontro com Jesus Cristo”. [MACGRATH, 2008]

Segundo Francisco Catão, antropologicamente falando, a espiritualidade cristã se constrói sobre o desejo do homem por Deus, embora, ainda segundo Catão, essa mesma espiritualidade seja fundada numa experiência de vida, antes mesmo de se conceber como uma confissão de fé. [CATÃO, 2009]

Dietrich Bonhoeffer, no século XX, descreve a espiritualidade cristã como o seguimento de Jesus. Ou seja, envolve o discipulado e o serviço no mundo secular. [RENDERS, 2012] Esta é a espiritualidade comprometida com a história, em sua concretude, e por isso, comprometida com a vida em toda a sua amplitude humana. Uma espiritualidade da vida ensinada por Jesus. Nos evangelhos vemos a expressão concreta de uma espiritualidade ensinada por Jesus, quando orava, mas também alimentava os famintos, curava os enfermos e expulsava os demônios.

Embebido dessa espiritualidade integral, não podemos mais falar da vida sem nos erguermos contra o sistema que estruturalmente alimenta-se da morte. A violência, como contraposição à vida, não está restrita ao tambor de um revólver, mas na exploração do trabalhador, na negação dos direitos humanos, na exclusão dos pobres e marginalizados de serem vistos e tratados como humanos que são. Precisamos entender que para expressarmos nossa espiritualidade cristã, "... a pessoa humana, imagem de Deus, é chamada a trabalhar o mundo para transformá-lo em morada digna dos seres humanos". [PEDROSA-PÁDUA, 2010]

Aurélio Agostinho, o bispo de Hipona, conhecido como Santo Agostinho é uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo ocidental. Além disso, foi um grande teólogo da Santíssima Trindade. Depois de tanto pensar e escrever, Agostinho chegou à conclusão de que é impossível entender completamente o Deus Uno e Trino da fé cristã. Mas compreendeu que seria possível conhecê-lo na medida em que ele mesmo revela seu Ministério aos corações sedentos e amorosos que O buscam.

Nossa espiritualidade deve tomar forma concreta na história e não ser apenas contemplativa, que por vezes leva a uma *fulga mundi*, não produzindo, de fato, uma espiritualidade. Somente através de uma inserção real na história humana, como somos desafiados pela *Missio Dei*, entendendo que o evangelho todo deve ser levado a todo homem e ao homem todo, venceremos as tendências esotéricas imanentes em nós, que nos leva a olharmos apenas para o nosso próprio umbigo.

A espiritualidade cristã, como bem ensina Catão, "é a acolhida pessoal de Jesus em nossas vidas, pautada por três momentos principais", a conversão, o seguimento e a comunhão definitiva com Jesus no Espírito. [CATÃO, 2009]

Assim, todas as nossas reflexões sobre o tema devem ser geradas a partir desse encontro pessoal com o Senhor Jesus e do acolhimento do Espírito da vida, que nos anima para cumprirmos as exigências de seu seguimento e assumirmos uma vida em seu Reino.

Pelo fato de experimentarmos um encontro pessoal com Jesus, a espiritualidade cristã traduz-se na espiritualidade em que Jesus ocupa o centro de nossa vida, através de um encontro em que ele mesmo toma a iniciativa, nos chamando a participar de sua vida, na concretude histórica de um mundo cada vez menos cristão.

As formas de viver o seguimento de Jesus, ou seja, de expressar essa espiritualidade dependem dos condicionamentos culturais, em grande parte, como construto humano-histórico-cultural. Porém, precisa ser vivenciada na concretude de nossa vocação à comunhão com Deus. [CATÃO, 2009]

Assim, para desenvolvermos o seguimento de Jesus, ou seja, assumirmos uma espiritualidade genuinamente cristã, como discípulos e discípulas do mestre é necessário aplicar em nossas vidas as mesmas palavras do apóstolo Paulo:

Explico o que aconteceu comigo: tentei guardar regras e me esforçar para agradar Deus, mas isso não funcionou. Então, desisti de ser um “homem da lei” para me tornar um “homem de Deus”. A vida de Cristo me mostrou como fazer isso e me deu capacidade de viver assim. Eu me identifico totalmente com ele.

Parece que Paulo entendeu que colocar toda vida nas mãos do Pai é a característica central da forma de viver de Jesus e, portanto, da espiritualidade cristã, e não ensimesmar-se em contemplação a-histórica através de uma fuga do presente, que revela desigualdades e carências as mais diversas.

A espiritualidade de Jesus é percebida através de sua vida de oração, alimentando-se da vontade do Pai, mas também através da forma com que tratava as pessoas, praticando a justiça e tendo por paradigma o amor, mesmo em relação aos seres humanos mais desprezíveis.

Ou seja, a espiritualidade cristã nos leva, animados pelo Espírito da Vida, ao seguimento de Jesus, propondo que tomemos uma forma crística, alimentando-nos da vontade do Pai e construindo uma vida de descentramento do ego, mas de doação a Deus e ao próximo.

De certa forma esse foi o motivo básico da denúncia dos reformadores do século XVI, pois defendia-se uma pertença à Igreja, mas não se considerava o modo de viver no Espírito de Jesus, desconsiderando a espiritualidade desse relacionamento pessoal com Cristo, que se funda na fé expressa em atitudes reais e cotidianas.

No centro da espiritualidade protestante está a profunda experiência com Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que liberta o ser humano do domínio do pecado, justificando-o por plena e gratuita iniciativa divina. Pela graça somos justificados e capacitados a assumir um viver no Espírito de Cristo.

A questão que surge diante do exposto é a percepção de uma espiritualidade cristã deformada e o surgimento da seguinte indagação: como viver uma espiritualidade cristã saudável nas condições atuais, inserido na cultura e na mentalidade de nosso tempo? Sem dúvidas a Trindade nos confere um grande sinal que precisa ser, mais que compreendido, imitado.

Sabemos haver muitas perguntas sobre a Trindade. E muitas sem respostas. Uma especulação que me permito é dizer que talvez a Trindade não deva ser explicada, mas imitada. Esta é a tese que nos propomos, humildemente, a pensar.

Jesus viveu na terra como homem, humano em tudo, menos na desumanidade do pecado. Foi o único verdadeiramente humano porque era Deus, um Deus feito ser humano. Amou os pobres, acolheu os pecadores, valorizou as mulheres, curou os doentes e perdoou os inimigos. Sempre olhou o ser humano através das lentes da integridade. Com ele estavam o Pai, a referência absoluta para sua existência e o Espírito Santo, que o possuía plenamente. [BINGEMER; FELLER, 2003]

A compreensão trinitária de que Deus existe como Pai, Filho e Espírito Santo nos evidencia que Deus se relaciona para fora e para dentro, e em seu comportamento revela seu ser. Como observa Bingemer: “Deus revela o que é: amor, comunhão de três diferentes pessoas”. [BINGEMER; FELLER, 2003]

Assim percebemos que uma característica do Deus Triúno é a socialidade, pois o Deus trino é comunidade em Seu Ser. Como se observa através da revelação de Deus à Israel no Antigo Testamento e plenamente em Jesus Cristo, o Deus Triúno é solidário, comunitário e social. [BINGEMER; FELLER, 2003]

A nossa fé nos faz crer que o Deus trino é um Deus de comunhão. E é comunhão exatamente porque é Trindade de Pessoas. “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30).

Pai, Filho e Espírito Santo vivem em comunidade por causa da comunhão. A comunhão é expressão do amor e da vida. Vida e amor, por sua própria natureza, são dinâmicas e transbordantes. Sob o nome de Deus devemos entender, portanto, sempre a Trindade, a Trindade como união do Pai, do Filho e do Espírito Santo. [BOFF, 1986]

A visão do Deus trino como Communio, apresentada pelo teólogo católico Greshake, traz à discussão o mistério da koinonia trinitária. Olhar Deus como Communio é pensar em um intercâmbio trialógico de amor existente entre as três pessoas divinas. [GRESHAKE, 2001]

Communio em princípio, significa comunidade, porém remete em primeiro lugar, à raiz Mun, que significa fortificação e Moenia, muralha. Neste sentido, remete à pessoas que se encontram em comunhão e estão juntas por trás de uma fortificação comum, ou seja, estão unidas pelo mesmo espaço vital. Este espaço é demarcado e une as vidas destas pessoas em comum, de forma que uma depende da outra. Em segundo lugar (com) munio faz referência à raiz mun, que é refletida na palavra latina múnus, que significa tarefa, serviço ou também graça, dom, recompensa. Assim, o que está em communio está obrigado a um serviço mútuo, mas de tal forma que este serviço é precedido de um dom de antemão, que se recebe para passá-lo a outro. Como observa Greshake: "... communio não é de modo algum um conceito estático, como poderia sugerir a tradução 'comunidade', mas uma realidade dinâmica: é sempre ao mesmo tempo a comunicação, communio no processo de sua realização, vida". [GRESHAKE, 2001]

Greshake vê o Deus cristão como communio, que realiza seu ser no diálogo de amor entre as três pessoas. Assim, a trindade supera a solidão e o isolamento, como também a divisão, a exclusão e todas as formas de narcisismo, uma vez que transcende a simples diferença e junta os dois em uma comunidade. Desse modo, o uno e o muito, unidade e diversidade, sem reduzir-se uma à outra, constitui a unidade da communio. [GRESHAKE, 2001]

A essência divina é aquilo que acontece "em" e "entre" as três pessoas. É aquilo que é realizado em e pelas três pessoas em comum, cada uma de maneira distinta: é o conteúdo de seu ser-pessoal e de sua pericórese interpessoal.

Para explicar melhor esta comunhão entre as Pessoas da Trindade, a teologia cristã criou a expressão pericórese (grego), que em latim é traduzida como circumincesso ou circuminsessio. Esta expressão, usada para expressar a perfeita comunhão entre as três Pessoas da Trindade, significa:

[...] a relacionalidade típica do Deus trinitário como amor que se comunica e ajuda a entrever no Deus-Comunhão o ícone de comunidade dos homens chamada a fazer da experiência humana familiar, social, pessoal, um reflexo da circulação pericorética do amor do Deus de Jesus Cristo. [NETO; MACHADO, 2003]

A comunhão existente na Trindade vem ao encontro dos anseios de igualdade e de respeito às diferenças que têm marcado a luta de homens e mulheres no decorrer das eras. Na Trindade, embora todos sejam diferentes, em sua pericórese vivem em perfeita comunhão.

O teólogo reformado alemão, Jürgen Moltmann vê na história de Jesus Cristo a ação conjunta do Deus Triúno:

A Trindade, reconhecível nas fórmulas do envio, possui uma configuração analógica. O Pai envia o seu Filho. O Filho é enviado por seu Pai. Através do envio, a comunhão do Pai e do Filho se torna tão ampla, a ponto de estender-se aos homens, para que estes participem da filiação de Jesus e, no Espírito, invoquem o Pai. No chamado de Jesus não se revela apenas o envio de um profeta ou do Messias, mas precisamente o envio do Filho. No envio do Filho, Deus diferencia-se de si mesmo e se entrega. O envio do Filho, portanto, funda-se em um movimento que se opera na própria vida divina, não apenas para fora. Ele procede da diferenciação trinitária da unidade divina. Não há como entender de outra forma o envio do Filho pelo Pai. Na história do Filho, a Trindade apresenta os seguintes elementos: o Pai envia o Filho, através do Espírito. O Filho procede do Pai, na força do Espírito. O Espírito conduz os homens ao seio da comunidade do Filho como o Pai. [MOLTMANN, 2011]

Em sua concepção trinitária, Moltmann estabelece a própria criação como ação do Deus Triúno. Segundo o teólogo de Hamburgo Deus-Pai cria porque ama o Filho e enxerga o mundo através do seu Filho. Cria os homens e mulheres com a intenção de manter comunhão com seu Filho. Por isso, o Filho é o mediador da criação. Cria pelas forças e energias do seu próprio Espírito e através do Filho.

Na criação, toda a atividade parte do Pai. Dado porém que o Filho, como o Logos, e o Espírito, como a força, participam dela a seu modo, mas em igual medida, a criação deve ser atribuída à unidade do Deus uno e trino. No seu amor criativo Deus se une ao seu outro, qual seja a criação, dotando-o de espaço, tempo e liberdade, no âmbito da sua vida infinita. [MOLTMANN, 2011]

Para Moltmann, o Novo Testamento é a revelação de Deus através das relações trinitárias. “Novo Testamento fala de Deus, na medida em que narra e anuncia as relações comunitárias, extensivas ao mundo, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo” [MOLTMANN, 2011]. Jesus é o revelador desta Trindade.

Jesus anuncia o Senhor do reino vindouro como sendo seu Abba. A revelação de Deus como sendo seu Pai constitui a mensagem nova e única de Jesus. Neste reino, Deus não é o Senhor, mas o Pai misericordioso. Não há servidores, mas filhos de Deus, livres; não se pergunta pela obediência e pela submissão, mas pelo amor e livre participação. [MOLTMANN, 2011]

O significado soteriológico da filiação de Jesus é a transmissão da filiação através do envio do Espírito. Jesus estabelece uma relação de filiação inclusiva com o Pai, mas há uma diferença fundamental entre a filiação de Jesus e a dos crentes: Uma é envio e a outra é recepção. [MOLTMANN, 2011]

Na Paixão do Filho estas relações vitais da Trindade são rompidas, pois o Pai abandona o Filho. Então, não apenas o Filho perde sua filiação, mas também o Pai perde a sua paternidade. Ocorre um distanciamento entre Deus e Deus. Jesus se faz fruto do pecado e traz o inferno para dentro de si e experimenta a consequência do pecado.

"O Pai abandona o Filho 'por nós', isto é, para tornar-se Deus e Pai dos abandonados". [MOLTMANN, 2011] O Calvário atinge a divindade e marca eternamente a Trindade. O Pai entrega o Filho, mas o Filho se entrega em "passivo activa". A profunda comunhão de vontades surge precisamente no ponto da mais aberta separação do Filho em relação ao Pai e do Pai em relação ao Filho. "A entrega pelo Pai e o sacrifício do Filho acontecem 'através do Espírito', que é aquele que na separação, une; aquele que faz a ligação entre a união e a separação do Pai e do Filho entre si". [MOLTMANN, 2011]

Moltmann olha para a Trindade e enxerga a verdadeira comunidade por ela constituída. "A imagem do Deus trino é uma comunhão de mulheres e homens sem privilégios, uma comunhão de pessoas livres e iguais, de irmãs e irmãos". [MOLTMANN, 2002]

O povo de Israel teve a preocupação de registrar sua experiência com Deus e as ações desse Deus na história. Eles perceberam que ao caminharem pela vida, não estavam sozinhos, mas existia um Deus que caminhava com eles, que se revelava aos patriarcas, aos profetas, aos sábios e que, no Novo Testamento, vai se revelar em e por meio de Jesus Cristo, em quem as comunidades vão reconhecer o Senhor e o Filho de Deus.

É através dessa experiência entre Israel e Deus que surgem os nomes de Deus, conferidos pelo povo à medida que entendiam sua revelação solidária, comunitária e social. Assim surgem nomes como: O Deus que cura, Deus é nossa bandeira, Deus paz, Deus nossa justiça etc.

A fé cristã crê que o Deus trino, que é solidário, comunitário e social é Deus de comunhão. E é comunhão exatamente porque é Trindade de Pessoas. "Eu e o Pai somos um" (João 10.30). Podemos entender que Pai, Filho e Espírito Santo vivem em comunidade por causa da comunhão, que é expressão do amor e da vida. Assim, sob o nome de Deus, entendemos a Trindade, ou seja, a Trindade como união do Pai, do Filho e do Espírito Santo formando uma única Pessoa.

Esta koinonia é perfeita, trata-se de Pessoas que se encontram em comunhão estão juntas por trás de uma fortificação comum, ou seja, estão unidas pelo mesmo espaço vital. Esse espaço é demarcado e une as vidas dessas pessoas em comum, de forma que uma dependa da outra.

A Trindade supera a solidão e o isolamento, como também a divisão, a exclusão e todas as formas de narcisismo, uma vez que vive a perfeita koinonia.

A perfeita koinonia é largamente observada em diversos textos nas Escrituras. Por exemplo, em João 10.30 Jesus diz: "Eu e o Pai somos um". E, em João 14.11 acrescenta: "Estou no Pai, e o Pai em mim". Desta pericórese-comunhão faz parte também o Espírito Santo, que está presente em todos os momentos da vida de Jesus: na Encarnação (Mateus 1.18), no Batismo (Lucas 3.22), na tentação no deserto (Lucas 4.1-13), em suas ações libertadoras (Mateus 12.28).

Como mostram as Escrituras, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três Sujeitos que dialogam entre si, se amam, se relacionam intimamente. Cada pessoa é para as outras Pessoas, jamais somente para si, é com as outras Pessoas e nas outras Pessoas. O amor eterno que se pervade e constitui, as une numa corrente vital tão infinita e completa que emerge a unidade entre elas, formando uma só.

A grande questão é percebermos até onde podemos ir, como seres humanos limitados, em nosso entendimento sobre a Trindade. Mas não desprezarmos a vivência da Trindade como exemplo de perfeita koinonia, nos apresentando uma dimensão solidária, comunitária e social, que precisa ser resgatada e aplicada em nossas vidas como servos do Deus Triúno.



Referências



BINGEMER, M. C.; FELLER, V. G. **Deus-amor. A graça que habita em nós.** São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2003.

BETTO, F.; BOFF, L. **Mística e Espiritualidade.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

BOFF, L. **A trindade, a sociedade e a libertação.** Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANDT, H. Espiritualidade. **Vivência da graça.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio Século XXI. **O dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CANSS, G. Ignatius of Loyola. **Exercises and Selected Works.** New York: Paulist, 1991.

GRESHAKE, G. **El Dios uno y trino: uma teologia de la Trinidad.** Barcelona: Herder, 2001.

MCGRATH, A. E. **Uma introdução à espiritualidade cristã.** São Paulo: Vida, 2008.

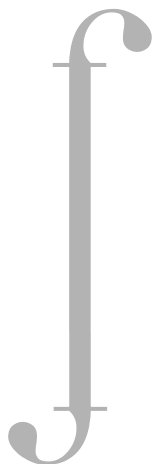
MOLTMANN, J. A Fonte da Vida. **O Espírito Santo e a teologia da vida.** São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, J. **Trindade e Reino de Deus.** Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2011.

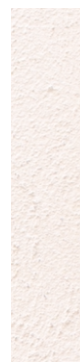
MONDONI, D. **Teologia da Espiritualidade Cristã.** São Paulo: Loyola, 2002.

NETTO, J. P., MACHADO, A. A. **Dicionário Teológico Enciclopédico.** São Paulo: Loyola, 2003.

PEDROSA-PÁDUA, L. **O Humano e o Fenômeno Religioso.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.



Referências



RENDERS, H. "Modelos de espiritualidade e contexto cristão brasileiro: uma análise e projeção a partir da distinção kierkegaardiana entre estética, ética e religião". Caminhando, v.17, n1, jan/jun. 2012.

SECONDIN, B. Espiritualidade em diálogo. Novos cenários da experiência espiritual. São Paulo: Paulinas, 2002.



REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES